

Buraco na 213 Norte

¹⁹⁸⁶ já atinge 6 metros

Bossoroca. A palavra pode parecer estranha e, muito provavelmente, é desconhecida da absoluta maioria das pessoas. Mas é justamente ela que os técnicos em geologia usam para designar um fenômeno bastante comum na região do Distrito Federal e que vem se agravando gradativamente na área da invasão da 213 Norte: a erosão do solo, provocada pela pressão das águas proveniente das nascentes e das chuvas, formando barrancos de vários metros de altura.

Os buracos não têm a dimensão daquele existente na Ceilândia, mas já começam a preocupar alguns dos moradores do local. Afinal, a cada chuva forte na cidade, a enxurrada carrega um pouco mais da terra que circunda as nascentes existentes na área, aumentando o tamanho dos barrancos. Há trechos em que o buraco chega a atingir até seis metros de fundura.

Quem passa pela pista da L-1 Norte, entre as quadras 213 e 413, mal consegue perceber a situação. O mata-

gal que esconde a maioria dos 35 barracos da invasão impede também a visão dos grandes buracos. Percorrendo as trilhas que levam aos barracos mais próximos ao eixinho, pode-se constatar trechos em que a terra cedeu bastante pela força das águas.

Apesar de a área sempre ter sido alagadica em função das nascentes, a erosão só começou há poucos anos, segundo conta Julião Arruda, morador da invasão desde 67. A situação se agravou quando o Governo construiu a L-1 Norte. Para fazer a pista, os técnicos foram obrigados a desviar a água que descia das nascentes para uma única tubulação que passa por baixo do asfalto e continua escorrendo como um pequeno córrego, em direção à L-2 Norte.

O aumento progressivo do buraco já provoca temor em alguns moradores, que lembram a situação pela qual passa hoje a Ceilândia. "Tenho medo de acontecer aqui o que está acontecendo lá", confessa Maria de Fátima Barbosa, que divide seu barraco na inva-

são com outras três famílias. Há seis anos na 213, Maria de Fátima conta que as chuvas fortes acabam contribuindo para o aumento da erosão.

"Só um castigo grande de Deus pode fazer a gente passar um aperto desse", afirma Lucília Evangelista de Melo, uma mineira com oito filhos que foi para a invasão há dois anos. Apesar do buraco estar relativamente distante de sua casa, Lucília tem medo da erosão aumentar e atingir o seu barraco.

Outros como Julião estão tranquilos. Apesar de reconhecer que a erosão vem aumentando bastante e de sua casa ser uma das mais próximas do barranco, ele não acredita na hipótese de desmoronamento da área. "Pior era antes, quando a água da chuva que descia lá do Eixo alagava a casa da gente", argumenta, lembrando do tempo em que praticamente só havia sua casa e de sua sogra na 213 Norte. Agora, afirma, a enxurrada passa pelos barrancos e alivia a vida dos moradores.